

Vol 6 Issue 10 July 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Manichander Thammishetty
Ph.d Research Scholar, Faculty of Education IASE, Osmania University, Hyderabad.

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pintea Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....



OS FILHOS DA COBRA-CANOA E OS FILHOS DO SANGUE DA LUA: VISÃO MITOLÓGICA E RELAÇÕES COM O MEIO AMBIENTE

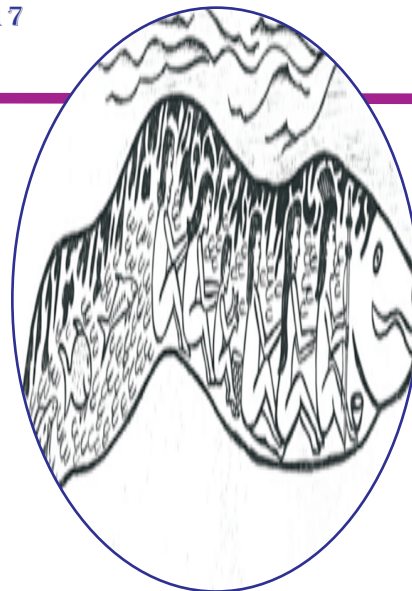
Roberta Enir Faria Neves de Lima¹, Ronald Rosa de Lima²,
Larisse Livramento dos Santos³ and Valdemar Sjlender⁴

¹Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia UFAM. Docente de Língua Portuguesa IFAM – Campus São Gabriel da Cachoeira.

²Mestrando em Ciências e Meio Ambiente ITEGAM/UFPA. Tecnólogo em Gestão Ambiental.

³Mestre em Ciências e Meio Ambiente ITEGAM/UFPA. TAE IFRR – Reitoria.

⁴Mestre em Ciências e Meio Ambiente ITEGAM/UFPA. Reitor ULBRA – Manaus.



RESUMO:

Presente artigo procurou trazer um panorama a respeito da região Amazônica, do alto Rio Negro e sua complexidade étnica, a fim de se fazer uma abordagem por meio dos estudos referentes ao período compreendido entre as navegações realizadas pelos colonizadores no processo de exploração do território através do médio e alto rio Negro até a Amazônia contemporânea. Buscou-se entender a origem das populações amazônicas e como foi feito esse processo de migração até a chegada à região. Passando pela época da Amazônia Lusitana e os efeitos sociais causados na região com a chegada do homem branco, pode-se observar que tais inserções influenciaram de forma radical vida socioambiental daqueles que aqui viviam. Após várias interiorizações na região de culturas e costumes diferentes, eis que surgiu a questão identitária como um pilar de sustentação da cultura indígena, sobrevivência dos povos tradicionais e os reflexos que o ambiente traduz nos valores morais e culturais dessas populações.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Identidade. Povos tradicionais.

INTRODUÇÃO:

Em seu livro “A Amazônia dos Viajantes: História e Ciência” os professores Almir Diniz e Nelson Noronha, organizadores dos textos, abordam os estereótipos a que a Amazônia está submetida e a necessidade de contextualizarmos as informações deixadas por viajantes e pesquisadores, a fim de desmistificarmos a visão da região.

Um fator cultural nos motivou a delimitar as atividades do projeto nos marcos da “Amazônia dos Viajantes”. Nosso impulso deveu-se à necessidade de pôr em questão um conjunto de ‘verdades’ que, apesar de todas as críticas construídas ao longo de anos, ainda persiste, o mais das vezes sob a forma de ‘senso comum’, ou inadvertidamente, outras vezes, impressa nos subtextos de muitos trabalhos ditos ‘científicos’. Trata-se de uma persistente representação da Amazônia como uma fronteira na qual a ‘civilização’ encontra-se seu termo e está situada em territórios ‘primitivos’, ‘selvagens’, ‘incultos’ e ‘monstruosos’. De fato, grande parte dessas formas de representação nasceu e se perpetuou através dos relatos e das imagens que os cronistas e os naturalistas europeus, que percorreram a região desde o início de sua colonização, construíram. Acreditamos que o estudo

crítico de tais relatos e imagens nos permita situá-los em seus contextos culturais, históricos e epistemológicos de tal modo que, com isto, nos tornemos aptos para, no campo de suas especificidades, reconstruir lhes os sentidos muitas vezes perdidos, deslocados de suas matrizes, ressignificados e introduzidos num campo semântico estranho àquele de que foram oriundos. (CARVALHO JÚNIOR; NORONHA, 2011, p. 09).

O estereótipo da Amazônia hoje se deve em parte a forma como ela foi retratada inicialmente pelos primeiros viajantes e conquistadores europeus e pelo declínio provocado com a ação brutal do governo Imperial para debelar a Cabanagem. Apresentando uma complexa rede de relações formadas por ondas migratórias e pela colonização, a Amazônia como um todo é palco de grandes transformações ao longo dos séculos.

Dentro dessa visão, podemos ver que ao abordar o tema sobre a região do alto rio Negro foi necessário antes de qualquer coisa dar um panorama geral da Amazônia, seus ocupantes tradicionais, a colonização e exploração, o movimento insurrecional mais importante, a Amazônia hoje e só então chegarmos ao alto rio Negro.

O complexo quadro das relações étnicas sofreu modificações a partir do momento em que o não indígena se apossa da região e impõe um novo regime, uma nova estrutura social e política. Novas relações de dependência se configuram e os povos que milenarmente lá viviam procuram se adaptar a essa nova dinâmica.

A nova estrutura política trazida pela República gera novamente uma reestruturação e a chegada dos missionários salesianos no alto Rio Negro é o primeiro impacto, além deles a extração de balata, a exploração desumana dos povos da região, a dependência gerada pelos comerciantes e a chegada do movimento protestante marcaram a face da região contribuindo para a reconfiguração das estruturas étnicas lá existentes.

1. POVOS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA: DE ONDE VIERAM? PARA ONDE FORAM?

A ameaça da perda de suas terras tradicionais fez com que etnias que outrora permaneciam em conflito elegessem um inimigo em comum: a aniquilação como etnia e a perda de suas terras. Um contexto político favorável fez com que grandes avanços principalmente da década de 1980 e 1990 fossem alcançados, contudo, faz-se necessária uma reflexão a respeito dos caminhos que estão sendo trilhados por esses povos e como ficou a reconfiguração das relações étnicas outrora existentes na região. Apesar de ter como tema tendo o grande universo Amazônico como pano de fundo seria impraticável falarmos de tudo detalhadamente, portanto, nos deteremos na região do Alto Rio Negro que é conhecida pela grande diversidade étnica e cultural. Para tanto, faremos uma breve incursão da história e nas relações da região amazônica como um todo para chegarmos ao nosso foco que é o alto Rio Negro, suas relações étnicas e suas narrativas.

Um dos maiores legados dos povos da região do Alto rio Negro é, sem dúvida, suas narrativas mítico criacionais e a importância que ainda hoje elas têm para definir as relações étnicas em questão. Nosso trabalho não tem a pretensão de ser um tratado sobre a cultura dos povos do Alto Rio Negro o objetivo aqui expresso foi de analisar as relações étnicas da região considerando-se além delas a presença do não índio observando suas heranças. A importância em realizar essa análise fundamenta-se na necessidade de perceber as raízes para conflitos existentes dentro da região envolvendo questões éticas, religiosas e a redefinição das relações ali presentes. Os não indígenas são representados pela presença do Estado brasileiro e seus órgãos, as igrejas de diversas denominações, o comércio e pesquisadores que circulam por lá.

A Ciência tradicional não considerava os conhecimentos étnicos como válidos cientificamente, essa ciência cartesiana possui uma linguagem que torna quase impossível descrever de forma fiel a riqueza das narrativas indígenas. Como parte do material é formada por narrativas míticas, optamos em desenvolver nosso trabalho do ponto de vista histórico e através de uma linguagem mítico-poética, a fim de não perder a riqueza das mesmas.

Nossa preocupação e cuidado com as análises teóricas não estava afastada da preocupação de não perder a riqueza das histórias narradas pelos povos da região e trazê-las a um nível compreensão e importância que a ciência considera relevante.

De acordo com o Prof. Marcos Frederico Krüger o ato de contar histórias é inerente ao ser humano.

A matéria narrada é um denominador comum entre o mito e a literatura. Aliás, o desejo de ouvir e contar histórias parece ser inerente à condição humana. Encontramo-lo em diversos contextos: nos jornais, nas novelas

de televisão, nas conversas com vizinhos. Como bem expressa Jonathan Culler, no seu livro sobre teoria literária 'as estruturas narrativas estão em toda parte'. Aliás, 'quando dizemos que um relógio faz 'tique-taque', damos ao ruído uma estrutura ficcional, diferenciando entre dois sons fisicamente idênticos, para fazer de tique um começo e de taque um final'. (KRÜGER, 2010, p. 14).

A literatura tem suas origens nos mitos gregos de Ilíada e Odisseia, entretanto, esses mitos refletem um paradigma ocidental, um paradigma eurocêntrico¹ e são vistos pela ciência de forma diferente dos mitos criacionais indígenas. O debate a respeito das questões étnicas obrigatoriamente passa pela observância das particularidades culturais das etnias abordadas. Para tanto, iniciamos com as observações e leituras realizadas ao passado histórico da Amazônia para podermos compreender quem são os povos dos quais estamos falando e qual sua bagagem atual.

Os arqueólogos quando retomam as hipóteses que analisam a origem do homem americano, dão prioridades àquela de que o ameríndio, não sendo autóctone, teria vindo para a América, através do estreito de Behring, migração essa feita por grupos asiáticos, a partir da Sibéria, quando o nível do mar baixou e criou uma ponte terrestre. O resultado de tais migrações deu origem a uma enorme diversidade de culturas e diferentes formas de organização, desde as mais complexas, como as civilizações dos Maias, Incas e Astecas [...] até aquelas culturas sem Estado organizado, como as que habitavam o território brasileiro. (FREIRE et al., 2008, p.13).

Com o início do processo colonizador na região Amazônica, o contato entre o colono europeu e o nativo fez com que as instituições milenares existentes nas sociedades tribais locais ruíssem. Introduziram-se longas jornadas de trabalho e diferentes classes sociais. Subverteram-se e demonizaram-se crenças locais, rotas de comércio foram extintas e as relações étnicas existentes foram redefinidas. Economicamente, povos que eram tradicionalmente agricultores passaram a ser coletores. (FREIRE et al, 2008)

Do ponto de vista do colonizador houve o povoamento da região, para as populações nativas, entretanto, o ocorrido foi um verdadeiro desastre. Segundo FREIRE et al (2008) – o cônego Manoel Teixeira, vigário de Belém, no leito de morte, deixou uma declaração a esse respeito datada e juramentada de 5 de janeiro de 1654 com o seguinte teor:

No espaço de 32 anos que á, que se começou conquistar este Estado (do Maranhão e Grão-Pará) são extintos a trabalho e a ferro, secundo a conta dos que o ouvirão, mais de 2.000.000 (dous milhões) de índios de mais de quatrocentas aldeãs, ou para melhor dizer, cidades muito populosas. (Cônego Manoel 5 de janeiro de 1654. In: FREIRE et al, 2008, p. 20).

Mas afinal, de onde vieram os índios da região Amazônica? Por quanto tempo já percorriam essas terras quando o colonizador europeu por aqui aportou? De acordo com o Almanaque "Povos Indígenas no Brasil – 2006/2010" – ISA 2011, o Censo IBGE de 2010 registrava 817.963 pessoas que se autodeclararam indígenas. Desse número, 315 mil estão em áreas urbanas e 502.963 na área rural (presumivelmente em Terras Indígenas).

Nos estados da Amazônia Legal brasileira a população de pessoas indígenas, conforme o Censo IBGE 2010, é de 433.363 (somando os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e Maranhão – desconsiderando que apenas parte do Maranhão é Amazônia Legal, uma vez que os dados divulgados do Censo não possibilitam esse recorte apurado. (ISA, 2011, p. 48).

Os arqueólogos quando revisitam a questão da origem do homem amazônico partem do princípio de que o ameríndio não é autóctone, ou seja, não teve sua origem no continente, tendo aqui chegado oriundo de diversos movimentos migratórios que passaram pelo Estreito de Behring a partir da Sibéria num período da história onde os níveis dos mares era extremamente baixo devido à Era glacial pela qual passávamos (FREIRE et al, 2008).

O resultado dessas migrações dá origem a um sem número de culturas diferentes no continente americano. De culturas com sistemas políticos complexos como os Astecas, Maias e Incas a outras como as que encontramos em território brasileiro, com organização política totalmente diferente.

Quanto à ocupação da Amazônia brasileira, antes da chegada dos europeus, existem variadas hipóteses dando conta de diferentes ondas de migrações, apesar das dificuldades encontradas pela pesquisa arqueológica. A Amazônia é muito grande e os pesquisadores são poucos. A própria floresta, com sua densa cobertura vegetal, dificulta a localização dos vestígios arqueológicos. Além disto, os materiais fabricados com

madeira, ossos e palha não resistem à acidez do solo e a umidade da floresta tropical. (FREIRE et al, 2008, p. 14).

Gaspar de Carvajal, cronista que viajou na expedição de Orellana fala em diversas oportunidades da quantidade de pessoas que viviam aqui. Em dado momento ele relata ter encontrado em uma única aldeia comida suficiente para alimentar um exército de 1000 homens por um ano (FREIRE et al, 2008). Sabe-se hoje que essas cifras não eram fruto da imaginação desses viajantes.

Para Neves (2006) a ocupação humana na Amazônia pode ser datada de 11 mil anos atrás salientando um padrão de subsistência desses primeiros habitantes onde valorizavam a biodiversidade, dedicavam-se à pesca e não capturavam animais de grande porte. (SCHIAVETTO, 2015)

Segundo Bessa Freire (2008) as populações indígenas que habitavam a várzea conheciam o ciclo do rio (enchente-vazante) e a partir daí programavam a semeadura e a colheita, além de técnicas de armazenamento. Mandioca, milho, algodão, tabaco e frutas provindas da fertilidade da várzea contribuiu para a diversificação desses produtos bem como pela fartura da caça, pesca e coleta. Dessa forma, a várzea é muito mais habitada do que a terra firme que exigia cuidados diversos fazendo com que ocorresse o deslocamento das comunidades em virtude do esgotamento do solo da terra firme. Neste sentido, torna-se um equívoco ver os povos da Amazônia apenas como caçadores coletores. A abundância de alimentos é, certamente, fruto da agricultura que segundo os arqueólogos remonta a 9.000 anos antes de Cristo.

A forma de organização do trabalho para obter alimentos consistia na dedicação de pouco tempo à atividade produtiva onde todos os membros da comunidade participavam. Com cerca de 4 horas de trabalho diários era possível obter alimentos para todos. Esse comportamento gerou estranheza nos colonizadores que taxaram os nativos de preguiçosos mostrando uma visão claramente etnocêntrica pelo fato dos indígenas não se dedicarem ao trabalho com a mesma intensidade que os europeus, o que os tornava inferiores (FREIRE, 2008).

Os cronistas relataram que os índios trabalhavam pouco e se mostravam surpresos porque não se preocupavam em acumular riquezas. Embora escrevessem sobre aquilo que seus olhos viam, não podiam compreender totalmente o modo de vida dos índios, já que tinham por ponto de referência sua própria civilização. (FREIRE et al, 2008, p. 18).

Com o início do processo colonizador na região amazônica, o contato entre colonizador e nativo resultou na destruição de organizações e formas de saberes ancestrais. Longas jornadas de trabalho foram introduzidas no cotidiano dos nativos, a divisão das classes sociais e a subversão das crenças religiosas através da demonização das crenças indígenas. Os povos, que outrora eram agricultores, transformaram-se em meros coletores e no ponto de vista dos povos indígenas houve uma tragédia demográfica.

2. A AMAZÔNIA LUSITANA E IMPERIAL

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsável pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional. (BENCHIMOL, 2009, p. 17).

A arte de viver na Amazônia era, no passado, dominada pelos povos originários que aqui viviam. Cada qual com seus conceitos e modos de ver e entender o mundo. Entretanto a chegada do colonizador europeu gera uma ruptura nessa constante e novas dinâmicas são incorporadas ao dia-a-dia desses povos. Novos ritmos, novos costumes, novas relações sociais. Essas novas maneiras de ser e de viver a Amazônia foram criando padrões de comportamento e procedimentos menos rigorosos e mais flexíveis, junto à realidade tropical, Samuel Benchimol em sua obra "Amazônia: Formação Social e Cultural" expõe que a primeira demonstração desse estilo foi a formação de uma economia agromercantil-extrativista valendo-se da vocação da floresta e dos rios da região, isso ainda no período Colonial. (BENCHIMOL, 2009)

Esse novo e exótico ambiente trouxe avidez, medo, novos gostos para o colonizador e novos conhecimentos. Na base desses conhecimentos estavam as populações que os dominavam. Inúmeras etnias com várias línguas, em sua grande maioria rebeldes ao domínio europeu. Essas mesmas não aceitaram a submissão e tiveram suas vidas encurtadas pelo novo senhor dessas terras. Essa era a Amazônia Lusitana e

depois Imperial (BENCHIMOL, 2009).

É preciso recordar que, nos primeiros anos de nossa colonização, o tamanho da Amazônia nem de longe era o de hoje. De acordo com o Tratado de Tordesilhas de 1494, as terras que caberiam à Coroa Portuguesa seriam as que estivessem a partir do arquipélago de Cabo Verde até o meridiano 370 léguas a oeste. Os territórios que estivessem a Leste deste meridiano pertenceriam a Portugal enquanto os que estivessem a Oeste seriam da Espanha.

Nos dois séculos seguintes, a região passou por grandes transformações e foi palco de revoltas e guerras de resistência como as promovidas por Ajuricaba, líder Manaó – que por muitos é amado, mas por outros tantos é visto como traidor. A revolta da Cabanagem, enumerada como uma das tantas que assolaram o Brasil Regencial e, normalmente vista superficialmente, foi ponto marcante no cenário amazônico, devido ao grande prejuízo em número de viventes e no aspecto econômico. Vista como uma rebelião regional contrária à nova ordem estabelecida após a Independência, a Cabanagem foi o fim de uma era na Amazônia.

O movimento Insurrecional da Cabanagem durou de 1835 a 1840 e foi um marco extremamente importante na vida das populações amazônicas e na constituição da identidade regional. Segundo RICCI (2006):

A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. (RICCI, 2006, p, 06)

Em 7 de janeiro de 1835 eclode a Cabanagem e Malcher, representante a elite, é escolhido como primeiro presidente cabano, entretanto um mês depois é morto (RICCI, 2006, p. 12). Francisco Vinagre, segundo presidente cabano tentou negociar a paz, mas não logrou êxito. A Regência envia o Marechal Manoel Jorge Rodrigues. Vinagre renuncia e o presidente eleito é Ângelo Custódio cuja sede eleitoral, Cametá, é sabidamente “anticabana”. Vinagre retira os cabanos da cidade de Belém, porém, tempos depois, ela volta a ser invadida após a ordem de prisão de Francisco Vinagre expedida pelo Marechal. “Nesta segunda tomada da capital, Antonio Vinagre foi morto em combate e Eduardo Angelim assumiu seu lugar em plena luta”. (RICCI, 2006, p. 22)

Nas palavras de Magda Ricci

Contrastando com este cenário amplo, a Cabanagem normalmente foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os cabanos e suas lideranças vislumbravam outras perspectivas políticas e sociais. Eles se autodenominavam “patriotas”, mas ser patriota não era necessariamente sinônimo de ser brasileiro. Este sentimento fazia surgir no interior da Amazônia uma identidade comum entre povos de etnias e culturas diferentes. Indígenas, negros de origem africana e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Esta identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades. (RICCI, 2006, p, 06).

Dessa forma, é inviável procurar entender a questão identitária sem observar as marcas deixadas por tão sangrento evento que ceifou vidas e subjugou o povo oprimido da Amazônia. Compreender a Cabanagem e o contexto que a gerou – suas consequências e os embates resultantes –, nos ajuda a entender os eventos que se desenrolam na construção da identidade regional.

OS MURA E A CABANAGEM

Falar de dominação da Amazônia e de seus povos e não mencionar o papel do valente povo Mura nesse contexto é uma injustiça que não será cometida aqui. Desde os primeiros instantes da dominação colonial, as populações indígenas se rebelaram contra ela. Dentro dessa contextualização os Mura são parte importante nessa passagem da história Amazônica.

Os índios Mura ficaram conhecidos na bibliografia etnográfica como ‘corsários do caminho fluvial’. Viviam em suas próprias canoas, como se fossem suas casas, e se destacavam na resistência à ocupação pelos não índios. Sua imagem é marcada por traços guerreiros, destemidos, conhecedores de táticas sui generis de ataque e de emboscada, o que atemorizava e lhes concedia uma enorme fama de “perigosos”, principalmente nos idos dos séculos XVII a XIX, quando impediram, por sua presença e força física, o avanço das missões, do comércio português e das ações de cunho militar na Amazônia, especialmente na região compreendida pelos municípios de Autazes, Itacoatiara, Careiro da Várzea, Careiro do Castanho, Borba e Manicoré, Estado

Amazonas. (PEQUENO, 2006, p,134)

Reconhecidamente hábeis navegantes dos rios da região do Solimões, Juruá, e Negro, bem como seu domínio da região, amedrontavam o homem branco. A imagem mostrada pelo colonizador é a de um povo bestializado e hostil. Segundo Pequeno (2006), Curt Nimuendaju, em sua monografia, publicada sobre o grupo em 1948, afirma que os mesmos foram mencionados pelo Padre Jesuíta Bartolomeu Rodrigues no ano de 1714.

A imagem dos Mura como inimigos foi sendo construída de forma que os chamados “homens de bem” “civilizados” clamavam pela destruição desses inimigos “[...]Os Mura constituíram o paradigma dos índios bárbaros, ou ‘de corso’, contra os quais se tentou mover a mais enfurecida guerra de extermínio durante o século XIX, na Amazônia[...]” (PEQUENO, 2006, p, 136).

Essas concepções criaram uma prática destrutiva do povo Mura no plano físico e legal (através de leis de exceção). Denúncias contra esse povo justificavam perseguições e mortes indiscriminadas. Algumas ordens religiosas tinham interesse na produtividade das terras do rio Madeira, essa indústria extrativista lucrativa via a presença Mura na região como uma ameaça a ser combatida. Ainda segundo Pequeno (2006) são criados os Autos da Devassa contra essa etnia (1738-1739) que basicamente consistiam em uma série de ações legais que intentavam criminalizar os índios dessa etnia. Como resultado da análise desses documentos o voto dos participantes foi de que não havia fatos suficientes que mostrassem que os mesmos eram culpados, entretanto, D. João VI autoriza que seja declarada guerra justa contra os Mura. Eles então passam a ser oficialmente inimigos do Estado e da Igreja sendo justificada sua escravização e morte.

Com a eclosão da Cabanagem os Mura lutam ao lado dos negros, brancos e mestiços revoltosos “[...] A Revolta da Cabanagem aterrorizou os setores dominantes da Amazônia nos anos de 1836-1840 e resultou em verdadeiro massacre aos revoltosos, causando cerca de 30.000 mortos, o equivalente a 1/5 da população total da Província do Amazonas[...]” (HEMMING, 1978. In: PEQUENO, 2006).

A repressão armada contra o movimento cabano marcou grandemente a história da Amazônia. Com um saldo de mortos superior a 30.000, a Cabanagem resultou na morte numerosa da população amazônica.

Vencidos, os Mura são colocados em aldeamentos e como estratégia de sobrevivência passam a integrar às missões e nos séculos XVIII e XIX percebe-se uma grande dispersão dos mesmos. Os efeitos da Cabanagem enquanto fator de reconfiguração de identidade étnica e de perda humana, pode ser sentido por essa população e por todas as demais ao longo de mais de cem anos.

3 .AMAZÔNIDA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

A origem do homem na Amazônia durante muito tempo foi alvo de perguntas e especulações, após estudos entende-se que sua permanência na região foi concebida através de um fluxo migratório decorrente dos movimentos das marés, possibilitando a passagem pelo Estreito de Behring a partir da Sibéria, no período da Era Glacial (FREIRE et al, 2008). A partir desse movimento migratório as diversas culturas se espalharam pela Amazônia legal dando origem a essa diversidade cultural dentro da mesma macroregião.

Quanto à ocupação da Amazônia brasileira, antes da chegada dos europeus, existem várias hipóteses dando conta de diferentes ondas de migrações, apesar das dificuldades encontradas pela pesquisa arqueológica. A Amazônia é muito grande e os pesquisadores são poucos. A própria floresta, com sua densa cobertura vegetal, dificulta a localização dos vestígios arqueológicos. Além disto, os materiais fabricados com madeira, ossos e palha não resistem a acidez do solo e a umidade da floresta tropical (FREIRE et al, 2008 p 14).

De acordo com o senso do IBGE 2010, a população indígena era 817.963 pessoas que se identificavam como indígenas. Para Lima (2016) a ocupação humana na Amazônia pode ser datada de 11mil anos, onde seus habitantes adotavam métodos de caça e pesca padronizados, afim de não haver o esgotamento do recurso e que se mantivesse o equilíbrio ecológico.

Bessa Freire (2008), em sua obra, entende que as populações indígenas conheciam os ciclos das águas além de terem o rio como sua principal fonte de sobrevivência, utilizavam as técnicas de subsistência no manejo do solo, na agricultura e armazenamento de alimentos sendo assim um exemplo de organização e administração em prol da comunidade desmistificando a ideia de alguns historiadores tinham sobre a população amazônica ser tida como um grupo de caçadores e coletores. Acredita-se que o sucesso da abundância de alimentos e o estado

de preservação da região amazônica são oriundos das técnicas agrícolas adotadas pelos indígenas que, segundo os arqueólogos, datam de 9.000 anos antes de Cristo.

Um fator relevante ao processo de identidade é o entendimento que cada grupo social possui sobre sua existência, tal relato é fundamental para que se tenha um alicerce para cada um definir o seu Eu. Dentro dos grupos de alunos do Programa Segundo Tempo há uma grande variedade de etnia, pois compartilhamos saberes diários com alunos dos núcleos de Manaus, São Gabriel da Cachoeira e os pelotões de fronteira do estado de Roraima. Dentre as vinte e três etnias presentes, todos possuem o entendimento de seu papel social em relação à natureza.

Lima, (2016) em sua dissertação, descreve, através de relatos de alunos estudantes do IFAM SGC, seus entendimentos sobre a origem de cada grupo social no planeta terra, as respectivas relações de identidade e o processo da ocupação humana.

a) O Mito da Cobra-Canoa ou Canoa da transformação (etnia Tucano)

“Antigamente não existiam os seres humanos, nem a terra, mas já existia um ser que os indígenas consideravam como um Ser Supremo. O nome dele era UmukohóYêhku. Ele foi o responsável pela criação da Ye’páMahsõ, que por sua vez tem a missão de criar o mundo e os seres humanos. Entretanto ela criou apenas o mundo Quando criou a Terra ela viu que seria bom criar alguém que habitasse nela, sendo assim, criou dois seres que vão auxiliar na criação da humanidade, são eles UmukohóMashu (ancestral dos Desana) e Ye’paMahsu (ancestral dos Tukano). Eles auxiliaram na criação dos demais seres e da terra. Para isso, teve a ajuda de Pa’muri-Yuhkusu (Canoa da transformação), que na verdade era uma cobra grande. Su’Riayeki precisava da ajuda de Pa’muri-Yuhkusu para transportar os humanos para a terra. Após criados os homens ficaram em um lugar místico. O nome desses humanos recém criados era Pa’muri-mahsã que quer dizer “gente da transformação”.

Após todos os humanos terem embarcado a viagem começou. A embarcação veio do Leste para o Oeste. No caminho iam descendo seres encantados e executando tarefas e iam ficando pelo caminho. Quem conduziu a viagem foi UmukohóMashu e Ye’paMahsu Todas essas tarefas executadas por eles foram muito importantes pois ajudaram no desenvolvimento físico e espiritual do homem que estava por nascer

Depois de muito tempo de viagem eles chegam até um lugar chamado Pamuripe’e no rio Uaupés, onde os humanos tiveram sua transformação final tornando-se humanos de fato como conhecemos hoje. A partir daí os humanos passaram a desembarcar em um único lugar esses eram os ancestrais das tribos. Cada ancestral recebeu um lugar onde podiam aperfeiçoar tudo o que aprenderam durante a viagem e assim deixar uma herança para as gerações que viriam. A viagem continua pelos afluentes do Uaupés e rio Tiquié cruzando todo continente sulamericano e deixando todos os povos indígenas da região.

Chega ao fim a viagem do Barco da transformação e dos Pa’muri-mahsã – gente da transformação. Após cumprida a missão, os seres sagrados e a Canoa da Transformação sobem para o céu.

(Prof. Joscival Vasconcelos Reis - Etnia Tukano – autodenominada Ye’pa-mahsã)

b) O Mito de criação do povo Yanomami- Periporiwe.

“PeriporiwëiyëpëhamitëpëYanomamikuprarioma.”

Periporiwënitëpëkãiperioxomaoma. Periporiwë a kupropuhioyaro, peia pata kuoximakaoma, pei ano pata kiriprovpuhioyaro. Periporiwënikamaepëkãimapëirani, pëhirupiwaatikorema, pëkãiperiototihitaomotama. Suhirinania Periporiwë a tapraipuhioyaro yãtõnãhipariha a hiriketayoma, w e t i n i t ë p ë r i i i k i m ã i x o a o t i w ë k ë k ë k ë . S u h i r i n a n i a Periporiwënokahëkoutararinikamaepëpëriopehapëkõaimihurayomapeiariãpatahaniaprani, a himoukukereroma, a nopë pata xoarani, epëãhuonotama, Uhutimãriwëximahutoprariorama, pei ária patahaniaprani, te nopë pata hupirayoma. Uhutimãriei Suhirinakipihaaheteparunihãtõnahiparikihatëno pata kiriowëmitëno pata kirioma, Suhirinani a Uhutimãriwëximikema, Uhutimãriweni a pehi pata niaaikukema, a pata tihëraikukema, pei a posi pata xirõwaaprama, ihãrekino pata xomixerekawatëkema, kuaaitietiSuhirinani xereka a waihotatiyaipërëtaoma, kuaaitëhëPeriporiwëtwaimanaxiatarohërima, kuaaitietieãUhutimãriwëhama a tokuawaikirihe e kuma, Suhirinani a xerekatereniahatototarinipeiamori

pata rukëitëhë te amokipëtapipata ti hetipramarema, tëã pata hamaperipori ! te pata kuma, kuaaitietitëiyëpëpatahirekoupäxihokema, kuaaitietiihamiretëkiãpataYanomamipëaaixoaoherima, ihiretëpë pata Yanomami peno Suhirinawatëpraremahe. PeriporiwëiyepëhamitëpëYanomamikuprarioma.

“Os Yanomamis são filhos do sangue da lua”

“No começo Periporiwë era o criador de tudo. Mas ele sofre transformação e vira um monstro. O povo que vivia com Periporiwë começa a ser assassinado e ninguém sabe quem é o assassino. Um menino é morto e quando seu pai o encontra sem vida o crema. O povo de tristeza deixa o lugar. Suhirina quer descobrir quem é o assassino e se esconde para descobrir quem está matando o povo. Com o nascer do dia aparece Periporiwë no lugar onde o menino foi cremado. Periporiwë assume que está matando seu próprio povo. Suhirina ouve e admirado com aquilo vai chamar o povo para matar Periporiwë. O povo de tristeza não quis voltar. Uhutimãriwë foi o único a responder ao chamado de Suhirina para caçar Periporiwë. Uhutimãriwë não teve coragem de enfrentar Periporiwë. Suhirina ordena que Uhutimãriwë ataque mas esse falha (Panema). Periporiwë estava fugindo devagar para sua casa no céu. Suhirina (Maripuará) com uma única flecha atinge o coração do monstro. Periporiwë grita: PERIPORI! Quando ele grita seu sangue cai no chão e dele surgem pessoas que gritavam e lutavam. Nessa confusão Suhirina e Uhutimãriwë morrem. Do sangue derramado nasce o povo Yanomami. O Povo Yanomami é filho do sangue de Periporiwë (a Lua)”.

Aluno Sarney Barbosa Góes Licenciatura Intercultural em Física IFAM CSGC - etnia Yanomami

A idéia abordada nos leva a refletir a questão do homem como ser mítico cujos valores morais e identitários são de grande valia para a preservação das crenas e costumes entendendo-se que há a possibilidade de construção de novos valores mas sem deixar de reconhecer a existência de sua essência.

4. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

O conceito de percepção ambiental nos traduz a fundamental importância para entendermos de forma epistemológica a relação entre o homem e o meio que o cerca. Percepto, oriundo do Latim, nos dá a ideia da ação de perceber os estímulos vindos do ambiente externo. Simões (1985), entende que a percepção é a tradução sensorial de estímulos do ambiente pelo sistema nervoso por meio de seus diversos receptores.

Segundo Kuhn e Higuchi (2011), a compreensão de a percepção ambiental dar-se no modo como os indivíduos vivenciam o ambiente e a ele dão significado. A essencialidade da compreensão do papel das comunidades tradicionais e seus afazeres os identificam sob os aspectos sociais e deixam características as diversas maneiras de comportamento e suas respectivas formas de viver e sentir o ambiente.

Os estudos relacionados a percepção do meio, além de caracterizar o comportamento humano, nos permite elucidar as relações e perspectivas nos revelando seu envolvimento cognitivo, cultural e emocional com a atividade cotidiana (ZAMPIERON et al, 2003). Fruto de tais percepções, os integrantes das comunidades são capazes de retificar quaisquer atividades que julguem estar em desacordo com o manuseio com meio ambiente.

As divergências de percepções entre elementos de diferentes grupos sociais estão entrelaçadas a forma como estas pessoas vêem e entendem a natureza, seus valores e suas concepções sócio culturais resumem-se em fator preponderante para que se faça uma análise do grau de importância sob o contexto ambiental de acordo com o local onde habitam.

5. PERCEPÇÕES AMBIENTAIS: O LÚDICO E O SAGRADO – URIHI

O entendimento sobre a natureza dentro do contexto sociocultural percorre por caminhos tênues abordando um universo de concepções sobre seu respeito. Os alunos do Programa Segundo Tempo localizados no distrito de Surucucu (RO), fronteira com Guiana assim como os alunos do IFAM-SGC, pertencentes a etnia Yanomami possuem dentro de suas comunidades um relacionamento mítico sobre com que é natureza. Em entrevista com o aluno Sarney (aluno do curso de licenciatura intercultural em física IFAM-SGC), pude perceber de acordo com sua fala, como eles interagem com o meio ambiente ao explicar a procedência dos diversos rituais em sua

Na concepção Yanomami, URIHI é a palavra que representa a natureza, este misto entre floresta e seres que nela habitam define os pilares da sinergia por eles trocada em função com a sintonia com o meio ambiente. Porém esta troca enérgica de vibrações positivas ficou enfraquecida devido a constante presença do homem branco, pois eles no seu entendimento não sabem respeitar a natureza.

Tomando como exemplo a experiências dos anciões da comunidade de Maturacá localizada em São Gabriel da Cachoeira-AM (comunidade Yanomami localizada pé do Pico da Neblina), a vinda do homem branco trouxe coisas boas como apoio às comunidades no que diz respeito ao serviço de saúde e a educação, porém os malefícios causados em função da vinda do comércio e enorme proliferação de doenças constituíram-se em fatores decisivos para enfraquecimento dos ciclos vitais e a destruição das áreas de florestas, causando assim um enfraquecimento físico, psicológico e social dos povos indígenas.

O indígena embora não utilizasse o termo educação ambiental, sempre em suas atividades cotidianas aplicou os métodos mais corretos em relação a preservação do meio que o cerca em virtude de sua concepção sobre natureza indo de encontro com o que eles entendem por vida saudável.

Atualmente nas reuniões dentro das comunidades discute-se sobre como se desfazer do desse material industrializado trago pelo comércio e espalhado na floresta de forma desorganizada e em escala geométrica. Sendo que em alguns casos umas das poucas alternativas que restam a eles é solicitar o apoio da FUNAI ou do Exército Brasileiro, devido ao poder de manobra e fácil acesso as comunidades fronteiriças do país.

Quando muito dizimados e já incapazes de agredir ou de defender-se, os sobreviventes fugiam para além das fronteiras da civilização. Isso é o que está acontecendo hoje, quinhentos anos depois, com os Yanomami da fronteira norte do Brasil. (RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. p.34)

6. ALTO RIO NEGRO: DESAFIOS E LUTAS

Historicamente o alto rio Negro recebeu desde o século XVII a visita do colonizador que se estabeleceu ao longo do rio a fim de “evangelizar” e negociar cativos. A vila de Mariuá, hoje Barcelos, foi a capital da província do Rio Negro e sediou um posto de triagem onde o Padre Jesuíta Avogardi “inventariava” os indígenas e os encaminhava para seus destinos (WRIGHT, 2005). A documentação desse período que infelizmente encontra-se muito deteriorada, apesar dos esforços de conservação, relata uma grande movimentação de cativos negociados por etnias inimigas junto aos portugueses resultando num intenso movimento em direção aos descimentos e às cidades e vilas maiores que demandavam de mão-de-obra escrava (WRIGHT, 2005).

Sabidamente a região é povoada por diversas etnias que ao longo do tempo conviveram e negociaram entre si. A realidade multiétnica é muito anterior ao colonizador europeu. Os reflexos da interação com a cultura do colonizador configuram-se modernamente através da incorporação de hábitos e costumes culturais externos, a adoção de sistemas políticos anteriormente estranhos a esses grupos bem como adequação ao sistema educacional nacional.

O amadurecimento da sensibilidade para com o tema das diferenças culturais é uma conquista recente. Mas o problema do encontro e do conflito entre culturas é antigo. E tem sido enfrentado e resolvido geralmente valendo-se de perspectivas etnocêntricas, que pretendem impor o próprio ponto de vista como o único válido. De modo particular, no mundo ocidental a cultura europeia tem sido considerada natural e racional, erigindo-se como modelo da cultura universal. Desse ponto de vista, todas as outras culturas são consideradas inferiores, menos evoluídas, justificando-se, assim, o processo de colonização cultural [...] (FLEURI, 2003, p, 18)

A perspectiva doutrinária a qual Fleuri (2003) se referiu via como necessário “auxiliar” aos povos menos “evoluídos” a se desenvolverem abandonando toda e qualquer forma considerada errada de pensamento que estivesse ligada às raízes míticas, religiosas ou culturais desses povos. Segundo esse autor a própria escola tem desempenhado papel importante na relação colonizador e colonizado “mundo ocidental x mundo oriental; saber formal escolar x saber informal cotidiano; cultura nacional oficial x culturas locais etc., contribuindo para a manutenção e difusão dos saberes mais fortes contra as formas culturais que eram consideradas como limitadas, infantis, erradas, supersticiosas”. Tal concepção justificou a escravização dos povos nativos das regiões colonizadas.

A questão intercultural no Brasil passou a ser discutida em outra perspectiva a partir da adoção de

políticas públicas no âmbito da educação onde os Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas dão real relevância às ações afirmativas junto às minorias étnicas.

Um dos fatores que contribuíram fortemente para o processo de extermínio das diversas etnias e sua dominação foi a habilidade com que o colonizador europeu manipulou os desentendimentos existentes entre os indígenas promovendo guerras entre eles e, muitas das vezes agregando-os a seus exércitos.

Essa experiência fez com que os indígenas reconsiderassem suas posições belicosas se unindo para que, em conjunto, conquistassem o reconhecimento de seus direitos. Segundo uma definição mais comum entre as lideranças indígenas o chamado Movimento Indígena é o conjunto de estratégias e ações que as comunidades e as organizações indígenas desenvolvem em defesa de seus direitos e interesses coletivos (SOUZA, 2008). Há um esforço desde os anos 70 onde lideranças indígenas de diversas etnias lutam com um objetivo em comum de conquistar seu espaço que culminaria com as vitórias da Constituição de 1988.

Nos anos 80, fruto da Doutrina da Segurança Nacional, nasce o Projeto Calha Norte que tem por objetivo "Promover a segurança e o desenvolvimento de uma faixa territorial localizada na Amazônia, tendo como limites as fronteiras com a Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa" (SOUZA, 2008, p.19). De acordo com o discurso oficial vigente na época, era defendida a necessidade de proteger da cobiça internacional o "extenso vazio demográfico da Amazônia fronteiriça brasileira" (o que eles consideravam como sendo vazio demográfico era na verdade ocupado por populações indígenas e tradicionais há gerações). Entretanto estudos advertem para o fato de que o plano dos militares, no que tange à relação com os povos indígenas, em nenhum momento considerou os anseios dos nativos da região. Nas palavras dos autores do Projeto Calha Norte restringir-se-iam as relações com os indígenas ao seguinte: "reconhecer os direitos territoriais indígenas reduzindo-se às áreas 'permanentemente ocupadas' pelos índios, isto é, as aldeias e o seu entorno, e diminuindo ao máximo a 'aderência' das terras indígenas à linha de fronteira internacional" (SOUZA, 2008, p. 20).

Porque essa nova mudança, e porquê a não definição clara, por parte das autoridades e principalmente dos criadores dessa nova política indigenista? "Porquê tanta urgência no momento em que também enfrentamos sérios problemas no que diz respeito às empresas mineradoras, aos trabalhos minérios? "A nossa comunidade aqui, para melhor, para o bem-estar das comunidades no Içana, quer a não aceitação do Projeto Calha Norte." - Gersem Santos, Baniwa, Segunda Assembleia dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, Abril de 1987 (WRIGHT, 2005, p, 271)

Uma nova Era se anunciava para os povos do Alto Rio Negro, a volta dos homens brancos às terras indígenas com uma avidez por riquezas iria colocar à prova a determinação das etnias que há séculos circulavam pela região. Wright (2005) assim relata em sua obra que o profeta Kudui dos baniwa, pouco antes de falecer, no final dos anos de 1970 avisou seu povo sobre esse retorno dos brancos. Em menos de uma década estavam ali empresas de mineração e o Projeto Calha Norte.

Apesar de ter suas terras reconhecidas a demarcação para o povo baniwa teve que passar pelo entrave do favorecimento às mineradoras Goldmazon e Paranapanema inescrupulosamente manipulada pela FUNAI no início dos anos de 1980. A ideia do Calha Norte era que suas terras fossem divididas em colônias indígenas e florestas nacionais o que inviabilizaria todo e qualquer projeto de sustentabilidade das comunidades existentes e não permitiria a criação de outras tantas surgidas após esse momento. Ainda segundo Wright a exploração de recursos minerais, especificamente ouro, e a implantação do Projeto Calha Norte na área Baniwa foram implementados por meio de uma política de repressão e terror.

"Mudanças políticas finalmente se desenharam no panorama do Brasil do final dos anos 80. No alto rio Negro, no ano de 1987, foi criada a FOIRN num contexto de mudanças profundas. Antecedida por um período turbulento na região onde os povos indígenas e o Governo Federal (ainda na ditadura militar) possuíam convicções e ideais diferentes sobre a questão da posse da terra e da autonomia indígena a FOIRN firma-se como importante suporte à luta na região, assegurando a demarcação das terras indígenas da área de São Gabriel da Cachoeira" (SOUZA, 2008).

"Sua criação se deu na II Assembleia dos Povos Indígenas do Rio Negro em abril de 1987. Além da presença dos Povos indígenas estiveram lá também membros de organizações indigenistas, representantes do governo federal e estadual, da Igreja e das empresas mineradoras, onde os principais assuntos em pauta foram o

Projeto Calha Norte, as atividades mineradoras e a regularização das terras indígenas” (SOUZA, 2008).

A forte presença e influência da FOIRN junto às comunidades indígenas agregada à assessoria dada pelo Instituto Socioambiental (ISA) e ações articuladas com a FUNAI foi de fundamental importância para o fim de um longo período de debates tensos e pressões reivindicativas permanentes dos povos indígenas da região do médio e alto rio Negro pela posse e demarcação de suas terras (SOUZA, 2008).

Na Educação, a presença salesiana ainda é forte, mas a estrutura que sustentava o sistema até então empregado começa a ruir com o fechamento dos internatos nos anos de 1980. O movimento indígena que até então focara na questão da demarcação de suas terras agora buscava solução para os problemas de saúde e educação. A busca pela identidade da educação escolar indígena da região.

Em 2006, em São Gabriel da Cachoeira acontece uma grande mobilização a fim de discutir um programa de educação escolar indígena envolvendo todas as entidades que atuavam com a questão. O objetivo era fortalecer a diversidade socioambiental da região e contou com a participação do ISA, FOIRN, ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL (atual IFAM – Campus São Gabriel da Cachoeira), SEMEC, APIARN, SEDUC (compareceu à reunião, mas não aderiu à proposta). No ano seguinte o conselheiro indígena Gersem Luciano Baniwa solicita uma reunião ordinária na maloca da FOIRN a fim de ouvir os professores. Essa reunião foi um marco importante para dar o fôlego necessário às escolas indígenas de colocarem seus projetos em andamento efetivamente (ISA, 2010).

7. CONCLUSÃO

A visão da necessidade de lutar pela manutenção não apenas de suas terras, mas do conjunto de suas tradições levou o movimento indígena a se engajar na luta por uma formação diferenciada onde as tradições fossem valorizadas e os jovens pudessem ver a importância de manter sua relação com os antepassados como forma de resistência à dominação cultural imposta pela sociedade nacional. Isto posto a proposta sobre os aspectos identitários nos remete a reflexão de como essas populações vem sofrendo e ao mesmo tempo resistindo bravamente aos ataques impostos pelo capitalismo que num passado não tão distante baseava-se em comércio e extrativismo e que atualmente nos arrebatava com a invasão dos processos de globalização que por vezes ultrapassam as fronteiras da legalidade e com isso adentrando territórios indígenas com o propósito de ampliar as suas produções, não se preocupando com a preservação dos valores históricos e culturais da região e pouco se preocupando com a preservação do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

1. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Formação Social e Cultural. Ed. Valer. Manaus. 2009.
2. BESSA FREIRE, José Ribamar et al. A Amazônia Colonial (1616–1798). BK. Editora. Manaus. 2008.
3. CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de; NORONHA, Nelson Matos de (orgs). A Amazônia dos Viajantes: História e Ciência. EDUA. FAPEAM. Manaus. 2011.
4. FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação, UFSC Centro de Ciências da Educação. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02>>. Acesso em: 05 fev. 2016.
5. ISA. Povos Indígenas no Brasil – 2006/2010.
6. KRÜGER, Marcos Frederico. Amazônia: Mito e Literatura. VALER. Manaus. 2013.
7. Kühnen, A. & Higuchi, M. I. G. (2011). Percepção ambiental. In S. Cavalcanti & G. Elali. Temas básicos de psicologia ambiental (pp. 250-266). São Paulo: Editora Vozes.
8. LIMA, Roberta E.F.N. Relações étnicas no alto rio negro: yanomamiperipoiyë
9. os filhos da lua. 2016141f Dissertação (Mestrado em Sociedade e cultura da Amazônia). UFAM. 2016.
10. _____. 2006. Arqueologia da Floresta Amazônica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Neves, W. A., L. B. Piló. 2008. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo.
11. PEQUENO, Eliane da Silva Souza. “Mura, guardiães do caminho fluvial”. Disponível em http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/cogedi/pdf/revista_estudos_pesquisas_v3_n1_2/05_Mura_guardiaes_do_caminho_fluvial_Eliane%20Pequeno.pdf > Acessado em 08/01/2016.
12. RIBEIRO, Darcy. “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”. SP: Companhia das Letras, 2000.

13. RICCI, Magda. "Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840". Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02> Acessado em 01/03/2016
14. SOUZA, Elias Brasilino de. "Cidadania Indígena e políticas Públicas na perspectiva da sustentabilidade: um estudo sobre o Médio e Alto rio Negro." EDUA. Manaus. 2010
15. SCHIAVETTO, Solange Nunes de O. "Arqueologia da Amazônia". Resenha. Unicamp. Revista de História da Arte e Arqueologia. 2015. Disponível em < <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%206%20-%20artigo%2016.pdf> > Acesso em 16/02/20156.
16. SIMÕES, Edda A. Q.; TIEDEMANN, Klaus B. Psicologia da percepção I. São Paulo: EPU, 1985.
17. WRIGTH, Robin M. "História Indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro". Mercado das Letras. 2005.
18. ZAMPIERON, S. L. M.; FAGIONATO, S.; RUFINO, P. H. P. Ambiente, representação social e percepção. In: SCHIEL, D.; MASCARENHAS, S.; VALERIAS, N.; SANTOS, S. A. M. (Orgs.). O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental. 2 ed. São Carlos: RiMA. 2003. Cap.1, p.24-27.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal

For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra
Contact-9595359435
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com
Website : <http://oldror.lbp.world/>